

ESPUNY (80)

Tributo ao GUE?

Jornal do Crusp - n.5

março/81

\$ 29

este papo de abaixo a ditadura,
crise da universidade já encheu!
mesmo assim não dá pra ficar
alheio aos problemas que nos
rodejam; mastudo parece tão disperso,
indiferente, a multidão andandando com
a cara nos muros claros/escuros.
no MEC o general, na UNE os estudantes.
fizemos nossa peuta de reivindicações,
entramos em ação devido ao NÃO
que este militar disse à Educação.
Nas escolas dele se tem: moradia,
alimentação gratuita e ainda
salário, precisam de tanto

privilegio?

A nossa segurança é a volta
deles aos quartéis.

Na USP abriram o restaurante, o preço
é alarmante: passou de R\$ 10,00 pra 78
e a comida já deixou meio mundo morto.
agora falta o jubilamento ser aprovado
pelo Conselho Universitário para que o
Ensino público e gratuito seja enterrado.
O Conjunto Residencial se organiza
pra logo votarmos e elegermos de vez
uma comissão efetiva que possa
executar os trabalhos, porque aqui não
é só morar, mas sim, participar/viver.

Você não acha que houve certa apelação
na capa do jornal? não é nenhum parita-
nismo, mas não estariam os motivos um
tanto aquém de um jornal de um grupo
de pessoas talentosas? será que a gente
deve servir-se do chulo, dos troca-
dilhos para remeter a uma realidade
que se faz importante? observe que não
estou impondo verdades, estou questionando.
eu sei que a visão estudantil é
um tanto anarquista, o que é bom, pois
sacode a inércia, a acomodação. mas, ir
até onde?

(Manoel J. Cardoso - SP),

O jornal do Crusp está forte, muito
forte. acho que aquela série de mini-de-
poimentos (editorial) que tem logo no iní-
cio deveria merecer um maior destaque.
vir em letras mais legíveis. E talvez a
matéria mais forte do jornal. Também que-
ro saudar o dia da trepação universal!
estamos na mesma vulva valsa balsa..."

(Floriano Martins - Fortaleza-CM)

Graficamente a revista (jornal?) ficou
péssima, tira totalmente o gosto da le-
itura. Apenas a capa ficou legal.
Não se encontra no "Macos de Navon" ne-
nhuma poesia que agrade: são muito seias
não merecem o nome de poesia, apenas
frases feitas, sem sentido; mas há exce-
ção no texto do Henicoli, assim como, no
editorial, o "querer sair o dia da tre-
pação universal!"

(Valéria - Ituiutaba-MG)

é de se estranhar, num jornal aberto que
não deveria se comprometer com nenhuma
organização estranha ao corpo que compõe
a moradia estudantil, que se aproveite
o fato dele ser aberto para transmitir
posições doutrinárias e políticas em nome
de todo coletivo. Viva o PT? Viva a
Trotsky? ou jamais me aproveitaria dele
para gritar Viva Bakunin.

(Ronato/avoco)

"jornal do crusp - nº 5
março 81 - 500 exemplares

Rosa Freitas

Júlio, Luis Mendes, Mário, Mario
Loiro e Roberto

Apis, Bete, Cláudia, Ivam, Luis,
Max, Nicolas, Pawel, Rauer e
Thereza

Alba, Adalberto, Ana, Bebeto, Carol,
Floriano, Grego, Norma, Osvalteni,
Valéria, Cardoso e Xaveco

Eloiza, Cesar e Spuny

TRIBUTO AO GUETO

ROSA FREITAS

I

Foi preciso que a lua entrasse pela janela de madrugada iluminando o quarto como num convite. Lá fora, o silêncio pelos corredores do CRUSP e a cidade pulsando sob as luzes me fez desejar sair batendo em todas as portas e acordar todas as pessoas. Breve instante de euforia, eu sei. Daqui a pouco tudo continuará sendo gestos rotineiros e inevitáveis: o barulho crescendo nas ruas, o peso obscuro do cotidiano crescendo no peito e a saudade de você crescendo junto com a certeza de que tudo se perde, nada se transforma. Resta apenas o desafio obstinado da memória.

É difícil delimitar o espaço que cabe a cada um de nós, neste tempo impreciso de civilização agonizante. A repulsa contra o establishment nos anos 60, pressupôs uma retomada do humanismo e iluminou, com efêmeros laivos de esperança uma geração ávida e corajosa. Um a um, foram sendo enterrados os pensadores da era de aquários e suas utopias maravilhosas. Em seu lugar o "Tipo Autoritário - nova espécie antropológica definida por Horkheimer - estabeleceu seu domínio de um polo a outro. Sob o signo do Autoritarismo a pseudo-individualidade, difundida pela indústria cultural, fincou raízes e floresceu. Todo o pensamento produzido em milênios de civilização - do Zen à Psicanálise, do Idealismo ao Marxismo - pode ser adequado ao gosto do freguês, contanto que sirva de obstáculo para que a conscientização da impotência contra a barbárie que se aproxima seja camouflada.

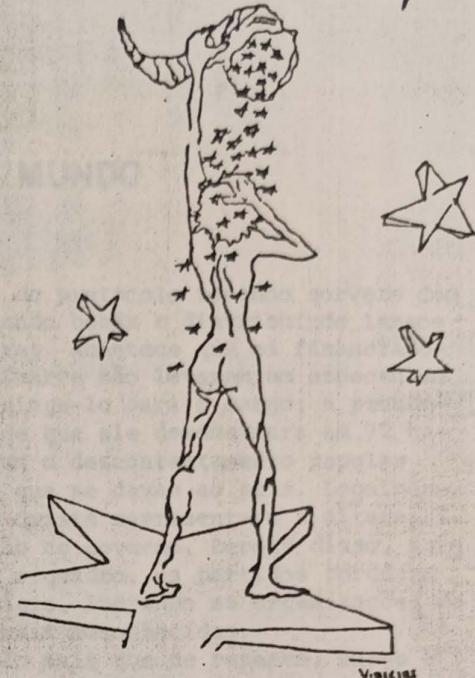
II

O significado das palavras não são imutáveis, sabemos disso. Cada contexto cultural é caracterizado por deslocamentos semânticos que revelam muito do seu perfil. Como entender esses discursos que tanto os defensores do status quo como seus pretensos combatentes bradam aos quatro ventos? O que é certo é que ambos exigem de cada um (não de si mesmo, é claro) o sacrifício e a obediência a uma estrutura de poder que em muito se assemelha, sob o pretexto de que é preciso construir o futuro. E enquanto o futuro não vem cantemos juntos a marchinha carnavalesca dos anos 50 "há quanto tempo não tenho onde morar se é chuva, apanho chuva. Se é sol, apanho sol, é tanto tempo a viver nessa agonia que eu preferia ter nascidocaracol....."

Apesar do bom humor popularesco não dar casa pra ninguém, serve para endossar a trajetória de uma palavra de ordem: "A GENTE NÃO MORA SE ESCONDE". Isso porque a habitação que em seus primórdios serviu de abrigo e proteção foi transformada em estigma de classe social, marcada pelo seu caráter de bem de consumo. Morar hoje, representa para a imensa maioria, O desejo inatingível. Os que ficarem para trás, empurrados sistematicamente pela competição alucinada, são obrigados a viver nas favelas, nos guetos e nas ruas.

A palavra morar, com seu significado original é cada vez mais impossível. vejam por exemplo que as designações dos conjuntos residenciais dirigidos a pequena burguesia - Portais, Recantos, Vales, etc.

invocam antes de tudo, um bucolismo repleto de doce proteção. Proteção aqui é a palavra mágica que volta a se entrelaçar ao conceito de morar, mas, proteger-se dessa forma é estar do outro lado, cercado de cães bem treinados e policiais nos portões. Nesse jogo de esconde-esconde a tecnocracia falacrática arreganha os dentes e constrói abrigo anti-nuclear. Isso me faz lembrar uma versão



INCIDENTE NO TERCEIRO MUNDO

A Associated Press e a United Press se esbal-dam em El Salvador. Pobre Terceiro Mundo que para ver-se, empresta câmaras, lentes e todos os fil-tros ideológicos de uma fonte interessada em lhe mostrar fotos distorcidas e tendenciosas.

El Salvador é um pequeno país cuja área repre-senta pouco menos que 340 avos da superfície do Brasil. Essa extensão é quase que totalmente pre-enchida por um solo pouco fértil onde se cultiva, principalmen-te, o café, para exportação. O café, como é sabido, encontra-se numa baixa extraordi-nária de preço no mercado mundial. Isso cria uma insegurança na economia interna de El Salvador que só tende a acirrar ainda mais as contradições vividas por seu povo.

Ao lado da agricultura, El Salvador passou nas últimas décadas por um processo abortivo de indus-trialização, o qual criou um exército operário se-milumpem. Desse processo de industrialização e da maneira como a terra é explorada resultou uma classe trabalhadora bastante dividida: profissio-nais empregados e operários semilumpem; campone-ses (uma minoria que mora nas terras onde tra-ba-lha) e um grande número de bôias frias. Esse é o grande problema que se encontra para a união de operários, estudantes e intelectuais para uma ação mais coesa que derrube o governo titere que se instalou no país.

Comparado à Nicarágua, El Salvador mostra uma elite mais numerosa. São em número de 16 as famílias que dominam o país. Porém, no que diz respei-to à rapina e espoliação, esse grupo não fica lon-ge do falecido (e, ressaltamos, pouquissimo cho-rado) Tachito Somoza. O país é um interminável ro-mance sangrento, iniciado com os colonizadores e ja-mais interrompido em toda sua história. Massa-cres populares, chacinas de camponeses ou oposito-res do regime de quaisquer cores ideológicas têm sido a tônica dessa oligarquia insaciável que a-gora vê suas bases tremerem, já que um levante es-querdista conseguiu se formar apesar de todas as divergências dentre os estamentos sociais salva-do-renhos.

Como não poderia deixar de ser, tal levante mexeu com os brios imperialistas ianques. Foi en-gendrado nos bastidores da Casa Branca um golpe que derrubou o presidente militar eleito (eleições fraudulentas) e em seu lugar empossou uma junta reformista. Essa junta pouco demorou para embarcar na mesma canoa de seus predecessores, reiniciando as famosas falcatrucas que ainda o po-vo não esquecera e novamente fazendo uso do ter-ror institucionalizado. A ironia da situação é que o boneco de engodo escolhido para ocupar o cargo de maior relevo na junta foi José Napoleón Duarte, democrata-cristão que em 72 venceu legiti-mamente, nas urnas, mas não tomara posse devido a manobras das Forças Armadas. Parece que as coi-sas não saíram tão bem pois o novo governo não foi bem aceito pela população e o pouco de repre-sentatividade que possui, angariou graças à máqui-na de propaganda que o escuda. A semelhança de certo país latino-americano, o presidente salva-do-renho é muito acessível a populares e frequente-

mente se esquece do protocolo tomando sorvete com crianças, carregando bebês e distribuindo largos sorrisos populistas. Acontece que os financiadores de Napoleón Duarte não levaram um aspecto em consideração ao eleger-lo para o cargo: a pseudo-representatividade que ele demonstrara em 72 nada mais era do que o descontentamento popular quanto aos rumos que se davam ao país. Legalmen-te, a Democracia-Cristã representava a alternati-va política, o não ao governo. Depois disso, agra-vando ainda mais o quadro, os partidos perderam ainda mais prestígio, lucrando as organizações de massa, cada vez mais reconhecidas.

De repente, não mais que de repente, surge a tristemente famosa geopolítica. E surge o tempestuoso e feio Ronald Reagan, com seus fumegantes Colt-45 voltando ao coldre e mais de quinhentos facinoras estendidos no saloon. Quanto tempo o supremo mandatário vai suportar esse conflito em seu lago de fundo de quintal que atende pelo no-me de Caribe? E como a URSS se portaria diante de uma intervenção em El Salvador? Aproveitaria para, de tabela e sem muitos escrúpulos, dar um jeitinho no líder operário Walesa, há muito uma pedra nos coturnos de Moscou? Po, mas bem que os americanos gostariam de ver esse Lula desenvolvi-do comendo capim pela raiz, né?

Tudo isso são mistérios, perguntas e questões que aguardam respostas no próximo capítulo do e-mocionante seriado **INCIDENTE NO TERCEIRO MUNDO**. Não percam, amanhã, no mesmo UPI canal, na mesma AP hora...

MÁRIO



BALALAYKA

Como tomar Vodka

Na Rússia e na Polônia o pessoal toma Vodka pura e bem gelada. Eles enchem um cálice pequeno, gritam *Nazdrowye!* (saúde) e tomam de um só gole.

Aqui foi desenvolvida a garrafa de alumínio para a Vodka gelar em apenas 6 minutos e colocaram dentro a excelente Balalayka *Nazdrowye*, para você!

Estou emergindo agora
de medos e ilusões
de cabeças doentias
de escolas e fotonovelas
de sonhos e cabelos paralelos.

Viajei os espaços
em camas, mesas, sofás
Mergulhei fundo
em retratos poeirentos e
azarentos
que cobrem paredes nuas
e nada mais nua
que uma parede
despojada de seu retrato.

Fujo de juras e maldições
e êxtases e aflições
sempre iguais
até mesmo em seus antagonismos

Palavras que nada falam
pessoas produzindo desertos
e lucros e papéis.

Quase me perdi
dentro dessa loucura
e talvez louco
eu seja um pouco
ou seja eu.

Já não posso voltar aos sonhos
Já não tenho para onde ir.

Racos de Nuvem

Descobrir inimigos
atacá-los,
raramente vencer.
Mas ter sede de agir.
Realizar com os dentes.

Cláudia/79

RASTREIO

Ainda não foi ontem
nessa mesma hora
nem em tantos ontem e outroras
Aqui o tempo se faz no assovio do vento
í tarde ou cedo as portas não têm chave

Olhar pela janela a solidão
e vigiar
Pode ser o começo
Astro em órbita
Asterisco

(Rosa)

nocauta de tesouros e segredos
formas civilizadas de medos

fomos postos à prova
exilados expulsos do exílio
e coro cada qual - recluso do meu desespero

pago / contesto / converso

deixo andar

• se você for embora penso que me mato

Pauel

DESFAZER-SE NÓS EM RELUTANTE ATO DE AGONIA. A SOLIDÃO ESCOLHIDA A CONTRAGOSTO. O ATO DE AMOR É UM EFEMERO BAILADO ENTRE ESCOMBROS, REQUER MERCULHOS FUNDOS EM VÁRIOS SENTIDOS, A LITERATURA A RESPEITO DA RELAÇÃO MASCULINO/FEMININO SE TORNA CADA VEZ MAIS VASTA E LEVANTA SÉRIAS QUESTÕES. O JORNAL DO CRUSP PROCUROU UM MORADOR CONTROVERSO PARA FALAR SOBRE O ASSUNTO DADO O INTERESSE DESPERTADO PELO 3º Congresso da Mulher Paulista. DISSEMOS MORADOR CONTROVERSO E O LEITOR GOSTARÁ DE SABER PORQUE. PUBLICAMOS OS TRECHOS MAIS SIGNIFICATIVOS DA ENTREVISTA CONCEDIDA POR EUSTRATIOS (GREGO) MORADOR DO CRUSP, BLOCO A E ESTUDANTE DE BIOLOGIA.



CHRISTIAN ROHLFS

CAPITALISMO GENÉTICO

Carolina, estudante de Ciências Sociais e integrante da Secretaria Nacional de Casas começou a conversa levantando a questão da discriminação da mulher no trabalho. Quanto a isso o nosso entrevistado não tem dúvidas de que se uma mulher faz o mesmo trabalho que um homem é justo que receba a mesma remuneração mas, diz, "quanto a questão da liberdade da mulher o que acho absurdo é certos grupos femininos com pretensão de querer libertar as mulheres estão querendo pegar a procuração do movimento da maioria - quando na verdade o que elas estão fazendo é querendo conquistar direitos que são inerentes a sua peculiaridade individual. Por exemplo as lésbicas não estão preocupadas em que as mulheres recebam o mesmo salário dos homens, estão na verdade querendo que o comportamento das mulheres seja igual ao delas ou querendo inverter os sistemas machistas fazendo um machismo ao contrário. Acho que o gênero humano não é um só. Acho que a liberdade tem que ser não só para a mulher mas também para o homem."

A certa altura do papo, gravador em punho e um olhar vaidoso pregado num grande espelho à sua frente, Grego conseguiu arrancar risos irônicos e galhofas de vários moradores que foram chegando atraídos pela conversa quando respondeu a pergunta do estudante de filosofia, morador do apartamento 503, quanto a sexualidade. Falando do comportamento sexual tanto do homem quanto da mulher ele disse que "biologicamente o que se sabe até hoje é que a mulher tem um comportamento de maior fidelidade que o homem apesar da ampla margem de variabilidade que existe. Agora o que é certo ou errado num comportamento que segue as normas, as diretrizes e os impulsos que vêm do genes e que são modificados pelas normas que vêm da cultura? O que acontece é que essa plasticidade do genes de poder ser, melhor dizendo, o comportamento determinado por eles poder ser modificado pela cultura é limitada, embora com limites amplos. Ocorrem situações, quer dizer, o indivíduo é colocado em situações tão fora desses limites que provoca um verdadeiro conflito entre as suas tendências internas genéticas e as tendências culturais. Hoje em dia existe um mecanismo onde qualquer grupo social, pequeno ou grande se pinta como o ser pertencente a um clã paradigmático especial e o que estão fora desse clã são pintados como seres da pior espécie possível, até mesmo como seres decadentes e diabólicos!"

"A FEMEA HUMANA NÃO SÓ TEM MAIS ATRATIVOS COMO O PRÓPRIO CÉREBRO DELA

É FEITO DE TAL FORMA QUE A SEXUALIDADE DELA VARIE PARA

SE TORNAR MAIS ATRATIVA E CIMENTE A RELAÇÃO" (Grego)

ai porque esse fato explica em si o comportamento poligâmico do homem e não poligâmico da mulher. Porque a mulher se ela for com muitos homens ela perde a credibilidade de la de fidelidade em relação a um dos homens. Ninguém vai saber se é o pai ou não. Bem, de acordo com essa teoria o homem fica ligadão nas supostas qualidades femininas de fidelidade. É uma questão de "investimento biológico" que é o sentido da reprodução. Assim um marido traído poderia estar investindo energia num filho que não é dele. Biologicamente a coisa funciona assim. Acontece que a sociedade evoluiu mais depressa do que o homem evoluiu geneticamente, então o homem que deveria ter tantas relações com tantas mulheres quanto pudesse investir biologicamente em energia da parte dele e não tantas mulheres quanto ele possa transar. Na verdade não houve ainda suficiente alteração genética desse comportamento mais primitivo do homem. Existem extremos desde homens que transam mulheres cada meia hora até homens que tratam uma mulher a vida inteira.

E prossegue: "em primeiro lugar tem certas pessoas que querem padronizar tudo de preferência de acordo com seus próprios padrões. Tem uma coisa que não dá para padronizar mesmo que é sexo e criatividade. O binômio sexo/criatividade tem a seguinte relação: no homem já não ocorre como na maioria dos animais a sexualidade como função reprodutiva apenas. No homem o sexo tem uma função criativa e uma função social. No homem a atração sexual tem uma função de ligação mais duradoura entre o homem e a mulher. Para ela ser mais duradoura não entra só a sensação mais inclusive essas sensações são geradas no córtex cerebral, ou seja onde entra a imaginação. A FÊMEA HUMANA não só tem mais atrativos como o próprio cérebro dela é feito de tal forma que a sexualidade dela varia sempre para se tornar mais atrativa e cimente a relação. O que os biólogos descobriram é que a função última da vida é reproduzir, é fazer cópias de si mesmo. O homem é o único animal que tem consciência disso. É portanto o único que pode se libertar desse sentido, jogar essas energias em outras direções. Entra ai a teoria do jogo entre os sexos. É uma teoria de um livro que tem um nome inclusive pitoresco "O Gene-Egoísta", o autor faz a teoria a partir de coisas elementares que se conhece de genética e evolução dos seres vivos e mostra que os sexos têm comportamentos antagônicos porque o que interessa para os seres vivos é reproduzirem o máximo possível e que sejam feitas o máximo de cópias de si. E o que acontece com as FÊMEAS HUMANAS? elas produzem gametas uma vez por mês, um único ovulhinho, coitadinho!. Os homens produzem mais de 200 milhões de gametas. Em segundo lugar esse coitadinho do óvulo da mulher tem o risco ainda de ser fecundado e a mulher tem de investir energia de si por, primeiramente nove meses, segundo até uma idade de 15 a 18 anos para criar esse filho. Ao passo que o homem pode pegar uma mulher, ter relações sexuais com ela, fecundar ela e dar no pé."

0.001



"O HOMEM FICA LIGADO NAS SUPOSTAS QUALIDADES FEMININAS DE FIDELIDADE.

É UMA QUESTÃO DE "INVESTIMENTO BIOLÓGICO" QUE É O SENTIDO DA REPRODUÇÃO." (Grego)

O conceito de virilidade e machice já teve seus dias de glória como sustentáculo do patriarcalismo. É surpreendente que apesar de tudo que se sabe dessa máscara que esconde tanta repressão e medo permaneça disfarçada de várias formas até mesmo nessa insólita abordagem "científica" defendida pelo entrevistado. Para surpresa geral ficamos sabendo mais: a questão sexual não passa de um mercado de investimento biológico, quanto aos laços da afetividade que fogem inteiramente a qualquer tentativa de sistematização simplista parece estar solucionada definitivamente no seguinte raciocínio: cada homem vê no parceiro sexual nada mais do que a possibilidade de fazer um filho. Quanto as dificuldades para que essa determinação genética se concretize Grego levanta a seguinte questão: "Pelo fato de existir a possibilidade do homem se mandar e pelo fato da mulher ter que investir muito mais no seu filho, gerou evolutivamente comportamentos antagônicos quais sejam que a mulher tem toda uma série de artimanhas, muitas das quais inconscientes porque ela faz isso de forma instintiva, mas ela constrói artimanhas que é para prender justamente aquele que deve investir a outra metade das energias. Então ela tem que garantir essa metade e se possível até mais porque se ela garantir um pouco mais, sobra energia para ela fazer outro filho, e quantas mais cópias conseguir. E o homem para efficiently zar o máximo a reprodução tem que ter o máximo de mulheres possíveis. Tudo que têm conexão na reprodução humana contém fatores biológicos. Na mulher a tendência biológica é mais para a fidelidade. É lógico que tem os desvios".

CRUSP

Na noite passada, entre o refluxo e o fim de férias e a expectativa de início das aulas, realizamos uma entrevista com alguns companheiros do CRUSP, sobre a "Luta pela Moradia Estudantil". Reunidos na sala de vivência do sexto andar do bloco A, encontram-se Adalberto da Letras, Osvalteni da Comunicações, Roberto da Filosofia e um estudante de Jornalismo, todos no chão, sentados sobre um carpete verde-garrafa.

De início, pretendeu-se controlar o eixo central do bate-papo, para que as idéias não se perdesssem por caminhos abstratos, distantes da moradia estudantil. Com efeito, após duas horas e vinte e cinco minutos de bate-papo, a proposta manteve-se inalterada, e, como seguindo uma reta imaginária, falamos do tema de forma linear e progressiva. Como ponto de partida, o primeiro tema proposto sob a forma de pergunta, levanta a questão do CRUSP ter correspondido ao que se pretendeu com a invasão de novembro de 1979? Com relação à ocupação do espaço físico, o grupo afirmou o objetivo da invasão, porque "todos que vieram pro CRUSP necessitavam de um espaço pra morar e esse espaço parece que está garantido". Mas, apesar da garantia da conquista do espaço, as condições materiais suscitam críticas e Osvalteni afirma estar patente a precariedade dessas condições, "principalmente no caso do pessoal aqui no F, onde além do espaço nada mais foi conquistado, como por exemplo, a ques-

tão da limpeza, portaria e mesmo a continuidade da reforma, que apenas foi iniciada com os trabalhos de eletricidade". Por outro lado, no tocante à dinâmica social, Roberto vê que a participação dos estudantes-moradores é pequena e "no tocante à vivência - continua - era proposta mais ampla, coisas assim como fazer do CRUSP um espaço que falta à Universidade: um local de debate, onde a produção em todos os sentidos ocorrerá e da discussão haverá o enriquecimento de todos".

Partindo para um outro plano, a discussão passa a girar em torno da definição mais clara do significado da conquista deste espaço, enquanto espaço destinado à moradia estudantil. Para Adalberto, a discussão "seria muito importante, mas a definição tem de ser atual, acompanhado os novos moradores que deverão ser deviamente esclarecidos quanto ao histórico passado, mas tendo o direito de determinar o novo futuro". O significado histórico da conquista, para Osvalteni: "nos momentos em que a repressão militar esteve mais feroz, uma das primeiras medidas tomadas foi a da invasão policial de que o CRUSP foi vítima. E se a gente tiver isso sempre em mente, dá pra entender o que o CRUSP significa: uma atitude de exercício de democracia que a ditadura quer tanto negar, como o direito a todos".

ORGANIZAÇÃO INTERNA

"A reitoria não se interessa pela

moradia para graduandos desde 1963 e nunca conseguiu o controle dos estudantes que vêm invadindo estes prédios e assumindo a responsabilidade", afirma Roberto. Acreditando na organização interna do CRUSP administrada pelos próprios alunos, autogestionária, o colega Osvalteni acrescenta que "a autonomia deve ser entendida não só com relação à reitoria, como de qualquer outra entidade. Por outro lado, vejo a sua concretização cada vez mais distante". Para alcançar tal objetivo, Osvalteni esclarece que a palavra-chave é a "auto-organização": "esse problema da auto-organização não é uma questão muito simples, vejo até como um problema de formação mesmo, pois estamos a 17 anos vivendo sob um clima de repressão e paternalismo que hoje a maioria das massas não entendeu que é se organizando pela defesa de seus direitos (não querendo com isso se justificar)". Para Adalberto, a organização se insere num plano de "trabalhar", "no entanto, se a reitoria tomar as rédeas vai ser o caos. Evidente que o conforto e a falta de preocupação dos moradores será maior. Mas isso é uma bosta, pareceria mais uma lesma lenta e gorda e o primeiro impulso teria sido totalmente desviado". Durante a realização das discussões com o Coseas, pelo estatuto e autogestão da administração do CRUSP, Roberto complementa que "na última reunião com o professor Cruz - chefe do Coseas - ele colocou que auxilia os estudantes quan-

DE DESENHO

to ao fechamento do estatuto, reunião interna, mas que o CRUSP assume a administração - manteria e limpara, não pois seria só par. pagar as contas, mas para garantir a moradia teria que ser tudo, assim como o fazem no bloco E. Dificilmente eles assumiriam a moradia, pois a política deles é a de privatização do ensino".

ESPAÇOS COLETIVOS

Andando por caminhos de necessidades, organização interna e de conquista de espaço, a discussão passou a examinar rumo à "delimitação dos espaços coletivos", onde o tema foi abordado sob as mais diferentes matrizes. Para Roberto, "vivemos sob a égide da selva, crise, apesar de intensidade de menor poder ser a assembleia, eu diria que não passa despercebido, mas cada um defende o seu direito e foda-se os outros". Osvalteni diz que "é o papo do exercício da liberdade. Muita gente está condicionada e só funciona dentro de um esquema repressivo e quando se vêem fora dele não têm a noção exata de como o respeito é fundamental para que o coletivo ande bem. Para tais pessoas, liberdade e zona tem o mesmo significado e o respeito só se impõe pela violência. "Só nos resta arrender, a lição sabemos decor". Agora acredito que esse pessoal que não entende ainda o significado de estarmos todos aqui, sendo individuais e ao mesmo tempo coletivos deve ser avisadas que ninguém está aqui por esporte e que se pra eles

isso aqui não tem muito valor é de fundamental importância para aqueles que lutam pra provar que temos capacidade para nos organizar e não precisamos de nenhum ditador bonzinho para cuidar de nosso nariz".

"As pessoas na realidade, continua Adalberto, não estão acostumadas a serem donas de si próprias. A coletividade então torna-se uma ideia abstrata, onde surgem vários desentendimentos entre os próprios moradores. Isso decorre de todo o nosso processo de formação. O CRUSP é um passo para as futuras bases sociais, não sendo ou querendo parecer ridículo, mas o individualismo tem de desaparecer. O CRUSP é essa nova educação, por esses motivos toda a falta de colaboração fica expressa e determinante. Ao mesmo tempo que é uma experiência belíssima e sofradora levar-nos-á a novos horizontes. Que assim seja".

O que vocês acham da participação social e política na luta, como último parecer, pela moradia estudantil?

Adalberto - "de repente as pessoas entraram em suas cavernas dentro das quais ficam curtindo um som e solitariamente se resguardam desse compromisso eminentemente que é da ajuda coletiva. Existem pessoas que só vêm pra dormir, crendo ser o CRUSP um motel, hotel ou hospedaria".

Osvalteni - "o que parece é que todo esse pessoal não tem consciência ou a clareza necessária pra compreender o que significa a conquista desse espaço. Acredito que se torne ne-

cessário esclarecer o conteúdo político que significou e continua significando essa ocupação, pois realizamos uma conquista dentro do movimento estudantil que não pode ser esquecida, contrariando todas as tentativas realizadas para combater o direito de moradia quando todos têm o direito ao ensino gratuito e ao direito de moradia, quando se fizer necessário. Agora não dá pra negar que o sujeito que não se mexe nem pelos pequenos problemas que invariavelmente pintam aqui no CRUSP está contribuindo com aqueles que são contrários ao ensino público e gratuito para todos".

Roberto - "o descomprometimento é espelho das relações que se tem na sociedade, e cada um age dentro da sua individualidade. E o seguinte: no começo há um grupo empenhado, na objetividade e no fim. Obtido o espaço para morar, vai pra ar o sentido de comunidade, vem à tona a questão da propriedade do apartamento e o fechamento do espaço para os que também necessitam".

texto final:
Luis Mendes

colaboraram:
Rauer
Rosa

PRÓX 5FORA

Pode se dizer que no Brasil, entramos numa nova era. Acontecimentos recentes como: A NOITE DO BEIJO, A ORGANIZAÇÃO DE MULHERES, NEGROS, DEFICIENTES FÍSICOS, HOMOSSEXUAIS; e uma série infindáveis de categorias sociais oprimidas pela estrutura social, demonstram bem que já não estamos mais na pré-história; que estamos dispostos a sermos os agentes das coisas, dos fatos, das transformações. Enfim, começamos a buscar a verdadeira felicidade!

A organização das mulheres, dos homossexuais, e a noite do beijo (jovens da cidade de Sorocaba, que manifestaram-se nas ruas, contra a inquisitorial proibição do juiz local, de "beijos cinematográficos" na via pública) trouxeram à tona uma discussão antes considerada tabu: a sexualidade. Palavras como buceta, trepar, tesão, ainda em pleno século XX, provocam risadinhas envergonhadas, por mais incrível que possa parecer.

Objetivando abrir aos seus leitores, essa discussão sobre sexo, o jornal do CPJSP, inicia com essa matéria, um debate, que não pretende esgotar, mas que se quiserem, leitores, continuará, na média do seu interesse.

SEXO e PODER

Alguns autores afirmam enfaticamente a relação sexo-poder. A sexualidade tem estado comprometida com as relações de dominação existentes ao longo da história das civilizações, escreve Guido Frantega em seu livro "Sexo e Poder". Freud é o primeiro a teorizar sobre o assunto, tendo declarado em público, para escândalo da sociedade austriaca, sua tesão pela mãe. Também foi ele que propôs a repressão e a sublimação dos instintos sexuais, como condição necessária a vida social.

Reich mistura psicanálise e marxismo, ao visualizar na moral repressiva e nas classes dominantes, as grandes desencadeadoras da violência e a agressividade humana, pois para ele, a maioria dos instintos socialmente perturbadores, como taras, violência sexual, são consequentes da repressão sexual imposta aos indivíduos pela sociedade, deformando os instintos sexuais. Em "A Revolução Sexual", Reich afirma ser a moral repressiva, uma forma das classes dominantes valerem seus interesses econômicos e demais privilégios. Reich, diferente de Freud, rejeita uma "natureza supostamente agressiva". Ele contrapõe a isso, a própria civilização repressiva, como algo disposta a acabar com o prazer.

A repressão começa quando ao nascemos, entramos em nossa estrutura patriarcal, com o pai, o símbolo máximo da supressão do prazer, e o lacaio mar da autoridade estatal. O pai, que sempre disposto está em reprimir o lho, a castigá-lo, punir-lhe a menor transgressão, e fundamentalmente deixá-lo atemorizado com a possibilidade de perder o amor e proteção. Ao passar-se o tempo, o indivíduo introjeta a autoridade e aloja-a dentro de si, sob a forma de uma consciência moral, uma espécie de guardião sempre atenta

a adverti-lo, perante seus instintos "agressivos". Aí, nessas condições, o superego entra em cena, acionando os sentimentos de culpa, angústias, diante das ações e, mesmo de pensamentos que arrisquem a proteção, o amor e os privilégios dispensados, pelo pai, mãe, pelo meio social em geral. Temos no medo, no sentimento de culpa, o grande trunfo dos repressivos, pois que esse se torna-se mecanismo muito eficiente de controle social e de garantia de manutenção da "ordem", inicialmente encarado pelo pai, depois transferida ao Estado e suas instituições, como polícia, governo, escola e outras formas mais sutis de dominação, etc...

Outrora o homem vivia livre, correndo nos campos, tomando banhos em águas limpidas. O advento do capitalismo, acirrou uma espécie de moral repressiva que deveria facilitar a formação de novos contingentes de trabalhadores e, assim, o sexo "normal" é considerado aquele restrito à procriação e que não desperdise tempo e energia, pois que estes devem ser canalizados para o trabalho nas fábricas.

Vai daí, este endeusamento do trabalho. Para Freud, o trabalho é "uma técnica de orientação vital que liga o indivíduo tão fortemente à realidade (à comunidade) como nenhuma outra forma"; é um instinto de prazer sublimado. Em "Eros e Civilização", Marcuse aceita a idéia de que, no inicio da civilização, os homens tinham de renunciar ao prazer imediato para trabalhar e prover os recursos necessários à sua sobrevivência. Mesmo após atingida a fase da abundância, quando o avanço tecnológico exige cada vez menos tempo de trabalho para suprir as necessidades básicas, a maior parte da humanidade continua mergulhada na carência e sem usufruir o prazer.

O modo de vida capitalista, sua cultura, sua moral, sacrificia o prazer humano ao deus lucro e, portanto, ao princípio do desempenho econômico. Isso faz com que nosso corpo se deserotize, deixando a sexualidade restrita às zonas genitais (ânus, vagina, pênis). É óbvio que hoje, diferente de épocas passadas existe mais liberdade sexual, porém relativa. Trata-se daquilo que se chama "dessublimação repressiva", onde aparentemente, existe uma liberação de Eros, mas na verdade, permitem-se as ações, mas não o sentir.

É o que diz Michael Foucault, em sua "História da Sexualidade", onde ele discorda de que haja uma repressão a sexualidade. Foucault vê na civilização moderna um estímulo as práticas sexuais, como nunca antes tinha acontecido. Ele quer dizer que, é importante que se pratique, endeuse o sexo, que se trepe muito, mas que as pessoas não tenham envolvimento alí. Pois é justamente, nessa propaganda desenfreada do sexo que se dá o controle sobre os indivíduos. Ou seja, o Estado incentiva novas relações para poder controlá-las. É o que diz o poeta e psiquiatra Hamil Haddad: "Há um intuito de tumultuar as coisas. Os Estados só estimulam as coisas para poder controlá-las melhor. É importante que se fale muito de sexo, mas que não se aprofunde nada." Em últimas análises Foucault quer dizer

SEXO nas SOCIEDADES AUTORITÁRIAS

que há uma mistificação do sexo, haja visto as inúmeras revistas sobre o assunto existentes no mercado editorial, abrangendo todos os tipos de público. Desde as revistas para as mulheres de classe média típica tipo Cláudia, Desfile, Nova; àquelas destinadas à juventude, como Carícia, Ciúmes; ou aquelas destinadas ao público masculino como Status, Homem, Ele-Sia, Playboy; ou a mais recente moda: revistas destinadas ao público homo, como a Rose.

FEMINISMO e HOMOSSEXUAIS

É bastante compreensiva a reação contrária de setores da burguesia ao movimento feminista, taxando-as de excessivamente radicais. São esses mesmos setores que tentam desqualificar feministas, homossexuais ou qualquer setor que saia dos marcos da conformidade burguesa. Aqui no CRUSP a moral repressiva se expressa por uma verdadeira "Liga da Decência e da Família e do Mito de Vida Pequeno Burquês", não oficializada, mas que existe, não é verdade Espanhol, do 602F?

O movimento feminista, não visa apenas conquistar a igualdade como os homens para compartilhar a sua miséria, mas sim a afirmação dos valores femininos, como a sensibilidade, a ternura, a não-violência. A beleza da mulher e a felicidade que ela promete são fatais ao mundo das mercadorias, das guerras e às civilizações repressivas. Por isso, a liberação da mulher será ao mesmo tempo, a liberação do homem", escreve Olgária C.F. Matos, professora do departamento de filosofia da USP, no texto "Feminismo: reforma ou revolução?".

Para Olgária, a igualdade entre homens e mulheres pode ser conquistada no plano econômico e político dentro do quadro do sistema capitalista. Mas, ressalta ela, igualdade não é liberdade; pois o enfraquecimento da base social de dominação masculina pela crescente participação da mulher no sistema produtivo não pôs fim à dominação praticada pela classe burguesa. Por isso que a emancipação da mulher deve ser entendida como afirmação de novos valores, novas exigências, novas satisfações, que o homem, nos atuais meios de produção não pode, embora alguns o queiram, satisfazer.

O "príncípio feminino" é prazer, sensibilidade, é amor, não é guerra. Eros, o amor, tem dimensão estética, é associação íntima entre prazer, sensualidade, beleza, verdade e liberdade.

Tal como as mulheres, os homossexuais estão bastante avançados em sua organização. Em São Paulo, há os grupos Somos, Outra Coisa de homossexuais masculinos; o Ação Lésbico-Feminista e Terra Maria, de mulheres; e um misto, o Alegria Alegria. Tal organização é sem dúvida necessária, dado a marginalização a que estão submetidos esse segmento de nossa sociedade que insiste em negar sua existência. E eles são muitos. Calculados em quase 10% em nossa população. Daniel Guerin, no livro "Ensaio Sobre A Revolução Se-



exto:
LÚCIO
CESAR

xual", declara textualmente, que só na sociedade americana há compreensivamente quase 50% de pessoas que já teriam comprovado sua prática homossexual e 16% que optaram por esse comportamento.

No Brasil persiste a hipocrisia, a discriminação e repressão visões às lésbicas e homossexuais, como a recente operação Richetti, que em uma semana prendeu 4 mil pessoas, nas zonas centrais da cidade.

Emanoel questionado sobre o que é homossexualidade, responde: "Vou que não podemos falar em homossexual como um ser identificável, e que pode ser reconhecido através de um estereótipo. Daria que socialmente ele é invisível, ou seja em sua grande maioria os homossexuais não correspondem aos estereótipos impostos pela sociedade. Acho que historicamente, por algum processo, a heterossexualidade acabou sendo enquadrada dentro de determinados estereótipos. Dentro de nossa sociedade, é muito perigoso que as pessoas sejam homossexuais e não se enquadrem nos estereótipos, que normalmente são determinados por quem dissemina os modos de pensar."

Respondendo a mesma pergunta, Glauco, outro homo, diz que, o homossexual não é reconhecível por um estereótipo físico exterior, assim como o negro é discriminado pela cor e a mulher pela condição biológica. No caso homo não haveria uma condição anatômica peculiar que o definisse. Nem Kinsey, em seu relatório, que até agora não foi contestado, conseguiu determinar quem é ou não homossexual. O estereótipo, como foi dito, é uma coisa imposta pela sociedade, criando a partir de padrões forjados como "normal". Tudo o que se afasta dessa normalidade é considerado desvio, perversão, e, consequentemente, uma anormalidade em função de uma norma social.

Jorge tem uma colocação muito clara: "Definição de homossexualidade tem sido um grande desafio à ciência, que está se esforçando em demonstrar a origem química do fenômeno. Isso é perigoso na medida em que manifesta a ideologia repressiva da ciência. Tratar farmacologicamente o homossexual é quase a dar remédio para negro virar branco".

E agora atenção "bissexuais". Vejam o que pensam de vós: "Os bissexuais são aqueles que vivem num esquema mais ou menos esquizofrênico: por um lado tratam de preservar a imagem da família bem estabelecida. Por outro tem paralelamente suas atividades homossexuais. Há também aqueles homossexuais com mentalidade machista; ao desempenharem um papel "ativo", acreditam não ser contaminados pela homossexualidade. Para eles, os homos são os outros. Isso é preconceito machista, dentro de uma sociedade que forjou esses mitos dentro do próprio pensamento homossexual.

Para concluir perguntamos. "O Somos exige profissamento homossexual para entrar no grupo? Resposta: No Somos não há discriminação sexual; todos aqueles que quiserem lutar contra toda e qualquer forma de discriminação sexual, podem entrar no grupo. O que acontece é que, dificilmente um hetero convicto irá querer conviver com homos, pois em sua mentalidade o machismo é muito arraigado."

foder com o poder

Aconteceu. Foi no SESC; o 1º Encontro de Arte Brasileira Independente - que reuniu mais de mil artistas de teatro, cinema, artes plásticas, artes gráficas, música e dança. Não quero aqui discutir o encontro em si, mas sim o que vez a ser arte independente. Inicialmente, a idéia de uma arte independente parece ótima, pois, seria uma arte produzida à margem da indústria cultural, fora das ingerências das grandes empresas e, consequentemente, da grande capital; o que daria ao artista maiores possibilidades de criatividade. Teatricamente seria isso. Tentemos aprofundar a questão e não ficar no óbvio-obismo de análises simplistas que acham a arte independente divinamaravilhosa.

Basicamente, a arte independente surge devido a tensão entre o artista e a indústria cultural, ou em última instância, a tensão entre o artista e o poder. Portanto, a arte veiculada pelos independentes seria uma arte que não interessaria ao poder, pelo seu conteúdo ideológico, pela sua forma de trabalho, pela sua qualidade ou pelo experimentalismo e seria uma fuga ao centralismo cultural. Afinal a produção semi-artesanal e os baixos custos da produção, presume-se, não teria um fim em si mesmo. Mas, estaria a arte "independente" veiculando um conteúdo ideológico, uma forma de trabalho ou qualidade que não interessaria ao poder? Até que ponto estaria a arte "independente" diferindo da apresentada pela indústria cultural? Vamos aos fatos. E só surge mais questionamentos. Quem é independente? Independente de quê? Independente para quê? O que temos na arte dita "independente" é que não há um nívelamento estético, ideológico e mesmo de qualidade (vide o lixo "independente"). Há, sim, uma variedade muito grande de correntes estéticas e ideológicas - temos do mais puro populismo (aqueles que querem "levar" arte para o povo) até a mais verdadeira vanguarda. Os críticos saltam aos olhos. Em música temos desde Arrigo Barnabé (aquele do rock dodecafônico) e até mesmo um Ciro Aguiar (aquele...), tudo isso passando por um Boca Livre; em cinema, desse um Jorge Bodanzki (O Muckers, Jari) até um Mazzaropi (que afinal de contas nunca recebeu financiamento algum para seus filmes). Não podemos nos esquecer que há independentes e independentes. Há os que se auto-proclamam com esse rótulo, simplesmente como tática para alcançarem o grande mercado, para receberem o apoio paternalis-

tico da imprensa (coitadinhos!) e outros benefícios, como o aluguel mais barato de teatros e equipamentos - são os "independentes" enquanto o contrato não vem. E, há os que optaram por essa via, por realizarem um trabalho que, ou ideologicamente não interessavam às grandes empresas ou esteticamente não tinham um trabalho comercial, estes chamados de marginalizados(?)

Sem fazer futurologia, mas analisando o que vem acontecendo com várias alternativas apresentadas até hoje, podemos prever o englobamento total da arte "independente" pelo sistema. Foi o que aconteceu com a macrocrítica, que quando surgiu no Brasil era uma forma saudável e barata de se alimentar, hoje em dia é só saudável; foi o que aconteceu com Hair nos Estados Unidos, uma peça que questionava a política americana e devido ao seu sucesso comercial foi apresentada na Broadway, perdendo totalmente as conotações que tinha.

Como vemos, a palavra independente é vazia de sentido, no que se refere à arte, e como Jean Claude Pernadet, prefiro a palavra vanguarda, que apesar de gasta, dá a idéia de "um processo artístico que quebra o existente e caiu para o novo".

POR MÁRIO LOJRO



desenvolver o personagem em separado, sendo que através da narração o leitor saiba de todos os detalhes como se estivesse vendo uma fotografia ou andando pelo texto.
se o personagem tropeçar, o leitor sofrerá e sentirá o tombo, como se fosse um jogo e um marcasse o outro sob pressão, não dando o mínimo de espaço.

24.04 — quinta-feira —

naquela tarde eu, TWEHZ, estava almoçando quando minha mãe me perguntou sobre os garotos de minha idade, eu pouco soube responder, pois minha fixação não é garotos, mas sim homens!

Cskox - Rylvj - Twehz: muito de profundo existiu entre eles: a ânsia que todos tinham
— um que ao chegar gostaria de encontrá-lo;
— outro de não sair na espera de que um viria, pois sempre lhe parecia que aquela seria a última vez;
— ela, para ela, tudo ficava muito ruim estar ali sentada defronte aquela menina naquele local que os sufocava.

22.08 — segunda-feira —

manhã de sol ela, CSKOX, ao invés de ir à piscina, preferiu, não sei porquê, uma reunião do partido.

nada tem a ver um personagem com o outro, mas estão situados num mesmo palco: uma cidade imensa que os abocanha e os suga com sua língua nevoenta e ocre.
os miares das relações sociais são tristes.

17.07 — quinta-feira —

RYLVJ estava de férias, mas ficou nessa cidade a ver os carros deslizarem pelas avenidas, horas de trabalho: para compensar outras gastas em conversas madruguenhas.

bonito e saudável foi sentir o teu gozo:

o rosto expressando um riso de prazer e o sexo debulhando lágrimas cintilantes de vida
— eu lá sei para que servem os meus dias fertéis...

Roberto Luiz dos Santos

REUNIÃO DA SECRETARIA NACIONAL
DE CASAS DE ESTUDANTES

18 e 19 de abril

Belo Horizonte - MG

Pauta : Vinculação com a UNE

Sede Própria

Verbas

MORADIA: UM DIREITO QUE SE CONQUISTA

Nunca mais esse já visto me será mostrado.
não moro nessa dimensão mofenta, caro ex-colega;
olhos lacrimejados e não meus

enquanto se despedem
me dispo
dissípo dissabores
e me suponho
na ponta dos pés;
equilibrar
(no dedo pontudo)
uma bola
transparifina
translucilinda
mera
fera
voraz
mente
minha

the 12/70

SILENCIO ÁRIDO

correr
meu corpo índio suado
cheirando agonia
marcar
teu sonho amado
em pátrias companheiras
talhar
um grito em teu coração
e tornar livre o amor
de renascer
reconstruir
dos escombros da solidão
toda américa de agora
em irmandade e solidez

luis nov 79

MACOS

Esta Cidade
Este País
Este Mundo enfim...

Se transformou/

Numa sociedade em guerra civil, consigo mesma, fundada na
guerra de todos contra todos, cidade dos não... homens
em cujas portas ronda o espetro da mais cruel das insanidades:
A LOUCURA MORAL E A DUREZA DO CORAÇÃO.

Terra Prometida

Elizabeth Darci Ferreira

Desvalido é o tempo.

No braço,
o choro do menino
é quem me abraça.

O peito salta
cambaleante
no vestido de passeio.

Uma retina descolada
porém,
a arte é tão necessária...

Cantai jaqueiras
figueiras
palmeiras
deste país

(à noite me adormeço
quase sem tropeço.
Quanta ironia !)

Jorrão fontes de leite e mel
terra - roxa
terra preta
terra - terra
terra seca

Dancemos os frevos,
os maracatus
as marchinhas
na cadêncio do carnaval
a terra se alegra
abrindo a fartura
de que é capaz
a composição de vários sons.

D. MARIA

Antônio de Pádua e Silva

Quando subi essa avenida
Calçada com poucas pedras
Num par de sapatos vulcabras
Confesso, D. Maria
Levava o coração na mão
E dois olhos grandes assustados.

Mas a noite tem seus mistérios,
Mesmo quando é muda e sem estrelas.

E foi no seu quarto abafado e quente
Que entreguei meu corpo de menino e trêmulo
a seus braços seguros e de infinitas incitações.

Confesso, D. Maria
Que nos invendáveis segredos da sua boca
Na melodia noturna dos seus cabelos
No insondável caminho do seu corpo montanhoso
Me desfiz das minhas primeiras e sufocantes aflições.

Confesso, D. Maria
Que voltei maduro e leve
Na minha camisa volta-ao-mundo.
Sustentei no rosto.

Um sorriso ingênuo, aberto e claro
Para esta cidade-mulher-sonâmbula
Tão nua em suas luzes tão fracas.

Confesso, D. Maria
Que não carrego arrependimentos
Por um amor tão violento em tão poucas horas
E nem pela despesa de alguns cruzeiros.

Confesso, D. Maria
Através da lente dos seus óculos
Vi o universo da minha perdição.

meu maior sonho
é ser um pesadelo

Nicolas Behr

ATO DE AMOR

Rauer Ribeiro Rodrigues

Praticamente tudo acontece por absoluta falta de amor: um filho se desgarra, embora continue na dependência econômica e afetiva dos pais, e toma ou é impelido a deixá-los completamente alheios do que experimenta (menos a situação financeira), apesar de evitar o corte de relações que diz não suportar. É aquele que André Gide define magistralmente "moedeiro falso".

Isto é mais que falta de amor filial, é falta de amor, este incomensurável ato que dispensa adjetivos. Digo de certas pessoas incapazes de amor, e cujas emoções (se existem) são pequenas, mesquinhos: a mediocridade contemporânea ocupa mesmo o espaço "interior" da emoção, afetividade e imaginação. Os que se transcendem e ao mundo, hoje, constituem minoria minúscula, mas são esperança única. Formam a elite de raros que, desculpem-me as massas e suas (?) auto-pretensas-vanguardas, realizam no cotidiano o efetivo verdadeiro múltiplo — ato de amor: a sabedoria, a emoção, a imaginação, a sensibilidade, o orgasmo, o viver intenso, apaixonado, individualizado; a revolução.

E assim não só nos relacionamentos "familiares". Em tudo, do trabalho ao lazer, do futebol à crítica, da política à economia, da filosofia ao casamento, das aventuras sexuais à liberdade. Todo espaço público, em grupo, a dois; mas/e também no íntimo e particular — não o "privado", pois este é uma das manifestações mais evidentes do contrário/oposto ao ato de amor, sendo talvez o que dê a significação e o tom mais abrangente deste crepúsculo.

Outras destas evidentes manifestações podem ser encontradas no universo dito político, que é na verdade onde a política perde sua nobreza e dignidade. A violência, a corrupção e o automassacre constituem o tecido onde se movem os políticos, qualquer seja seu matiz, alimentando a neurose de que tudo continuará indefinidamente infeliz e sem mudança substancial/radical alguma; da prisão facista às correntes, navalhas e cacetetes da esquerda, sem esquecer a pseudo-igualdade/liberdade das democracias liberais. Negam eles, embora procurem esconder isso com a demagogia peculiar do seu ofício, a possibilidade de que a vida e os homens sejam uma sucessão única e possível de ato de amor. Daí a marginalização que sofre a criatividade individual e o saber, e mesmo sua deturpação completa: na censura e mutilação está a única possibilidade da manutenção do status quo, que permite uma pequena brecha da possibilidade ato de amor pelos detentores da informação e do que designo eventualmente "poder". Tão envolvidos ficam na ânsia de impedirem o acesso de outros ao que neles é sempre possibilidade frustrada, que não percebem que é justo quando todos ao ato de amor poderem chegar que eles próprios o vivem indefinidamente. Em uma violenta alteração da ordem moral está o germe de todas as revoluções, talvez única. Poucos sabem disso e, num exemplar ato de amor, se isolam e abstêm de participarem da comédia geral, a não ser através de sua obra criativa e/ou teórica, mesmo porque seriam trucidados pelo mediano mediocre senso comum da humanidade se ousassem se mostrar ao sol.

Conjunto Residencial da USP,

carnaval de 1981

